



Arquivo/AE

GREVE

Professores fazem assembléia hoje à tarde

Os professores da rede estadual realizam hoje às 15 horas na praça da República assembléia para decidir se mantêm a greve iniciada no dia 1º. Pela avaliação do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado (Apeoesp), 45% dos 220 mil docentes da rede já aderiram ao movimento. Segundo a Secretaria da Educação, 2,8% das 6.600 unidades da rede deixaram de funcionar ontem. A greve afetou parcialmente, de acordo com a secretaria, 17,4% das escolas.

Para o presidente da Apeoesp, João Felício, as acusações do secretário da Educação, Fernando Moraes, de que a greve tem objetivos políticos, ajudaram o movimento. "Isso só fez crescer a indignação da categoria, porque o professor sabe o quanto o salário está ruim." Felício lembra que nos últimos oito anos houve seis eleições. "Se fôssemos atrelar nossas paralisações ao calendário eleitoral não faríamos greve nunca."

A Apeoesp espera que 20 mil docentes compareçam à assembléia. Eles devem votar pela continuidade da greve, já que a secretaria mantém a posição de não negociar com a categoria enquanto durar a paralisação.

Ontem a Apeoesp realizou assembléias em suas 72 subse-

des regionais. "Nenhuma delas votou pela suspensão da greve", conta Felício. Segundo a direção da Apeoesp, a adesão à greve na Capital cresceu de 30% para 45% do total de professores. As regiões do Interior com maior percentual de docentes parados são as de Presidente Prudente, Piracicaba e Campinas. Nelas, segundo a Apeoesp, mais de 60% dos professores estão em greve. "No início da semana que vem deveremos ter mais de 50% dos professores parados", estima Felício.

Enquanto secretaria e sindicato se digladiam, os estudantes aproveitam as férias fora de época. "Dá pra acordar mais tarde", comemora Juliana Taís de Azevedo, de 15 anos, aluna da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Tar-

císio Álvares Lobo, no bairro do Limão. Juliana e colegas — também "liberados" pela greve — passam a manhã assistindo fitas de videocassete ou paquerando no Shopping West Plaza.

Marcelo Sussumu Takahashi, de 14 anos, tem menos sorte. Apesar de a escola em que estuda, a EEPSP Padre Manuel da Nóbrega, ter aderido à paralisação, Marcelo é obrigado a ajudar a mãe nos trabalhos de casa. "Ela me pega pra Cristo", lamenta.

A vida boa, no entanto, pode prejudicar os estudantes mais tarde. Em 1989, por exemplo, os professores ficaram 79 dias parados. "Quando voltaram eles correram tanto com a matéria que eu e muitos outros colegas bombaram de ano", lembra Juliana.